

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 2 / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0255-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.558221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões atuais e pertinentes no campo dos estudos da Linguística, Letras e Artes. Tendo como fio condutor o olhar sobre as linguagens e suas repercussões na esfera social, temos neste volume 18 capítulos escritos por autoras e autores de diversas partes do Brasil.

Ao longo de suas páginas, este *e-book* nos convida a esmiuçar as nuances das linguagens em suas mais diversas facetas. Temos relatos de experiências de práticas de ensino de português como língua materna e estrangeira, de outros idiomas e conteúdos relacionados à literatura, à inclusão, à poesia indígena, à negritude, ao canto, à linguagem publicitária e a toponímia das cidades paraenses, entre outros enfoques. Essas análises e práticas de uso das linguagens, bem como de seu ensino, se dão em contexto pandêmico e para além dele, enriquecendo o mosaico desta obra.

Quanto aos conteúdos do campo da Linguística, temos estudos sob diferentes perspectivas, como a Análise do Discurso, o Letramento, a Semântica textual, o Interacionismo, a gramática normativa, o enfoque na interação verbal e na pronúncia, as inteligências múltiplas, a variação linguística e os aspectos transculturais.

A diversidade de temas e referenciais teóricos são prova de que os estudos na área de Linguística, da Letras e das Artes seguem em plena atividade, cabendo a nós, pesquisadoras e pesquisadores, ampliar sua divulgação e espaços de debate.

Nosso agradecimento, portanto, à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às/aos colegas que se dispuseram a contribuir com seus manuscritos fazendo assim, ressoar seus saberes e práticas.

Boa leitura!

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INTERAÇÕES ORAIS EM UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM CONTEXTO MULTILÍNGUE

Douglas Altamiro Consolo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217051>

CAPÍTULO 2..... 13

PROJETO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA EM VICÊNCIA-PE: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA


Gilvania Paula da Silva Almeida

Jobson Jorge da Silva

Miriam Paulo da Silva Oliveira

Maria do Carmo da Silva Souza

Rosilene Pedro da Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217052>

CAPÍTULO 3..... 21

ANÁLISE DISCURSIVA DA POESIA INDÍGENA KAMBEBA

Ana Cláudia Dias Ribeiro


Paola Efelli R. de Sousa Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217053>

CAPÍTULO 4..... 32

DO LEXEMA AO TEXTO: O ENSINO DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Lêda Pires Corrêa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217054>

CAPÍTULO 5..... 42

O ENSINO DA PRONÚNCIA E A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO *SÍNTESES 1*

Emanuel Bruno Rodrigues

Marcela de Freitas Ribeiro Lopes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217055>

CAPÍTULO 6..... 58

VARIAÇÕES DA NORMA PADRÃO EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS

Paula Fernanda Eick Cardoso

Bianca Schmitz Bergmann


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217056>

CAPÍTULO 7..... 69

DISCURSOS DA INFORMAÇÃO EM (RE)FORMULAÇÃO NA ATUALIDADE: O UNIVERSO MIDIÁTICO CONSTRUÍDO NA ERA DAS *FAKE NEWS* E DA PÓS-VERDADE

Ana Márcia Ruas de Aquino

Carla Roselma de Atahyde Moraes
Daniela Imaculada Pereira Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217057>

CAPÍTULO 8..... 81

AFRODESCENDÊNCIA E PRÁTICA TRANSCULTURAL DE ESCRITA CRIATIVA EM MESTRADO DA UNIFACVEST, EM 2016

José Endoença Martins


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217058>

CAPÍTULO 9..... 97

A SEMIÓTICA, AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E O ENSINO DA LÍNGUA

Darcilia Marindir Pinto Simões

Maria Suzett Biembengut Santade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217059>

CAPÍTULO 10..... 113

O ENSINO DA GRAMÁTICA NO CURRÍCULO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DE SUA IMPLEMENTAÇÃO

Mariana Gurgel Pegorini

Cristina Yukie Myiaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170510>

CAPÍTULO 11..... 125

LETRAMENTO DIGITAL: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS E ENSINO

Eduardo Almeida Flores

Raiani Sena Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170511>

CAPÍTULO 12..... 135

HISTÓRIA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES DAS CIDADES BRASILEIRAS DO SUDESTE DO PARÁ

Elaine Ferreira Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170512>

CAPÍTULO 13..... 142

CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO COM NOMES PRÓPRIOS COMPOSTOS

Edson Domingos Fagundes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170513>





CAPÍTULO 14..... 155

OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE CATALÃO-GO

Patrícia Maria da Silva

Viviane Cristina de Alencar Tomé

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170514>

CAPÍTULO 15	167
CORAIS DE ESCOLA E CONTRA-HEGEMONIA: O PAPEL DO REGENTE/EDUCADOR FRENTE ÀS FORÇAS SOCIOCULTURAIS DOMINANTES	
Patrick Ribeiro do Val	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170515	
CAPÍTULO 16	185
O DIALOGISMO NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO DE CONCEPÇÃO BAKHTINIANA	
Wyama e Silva Medeiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170516	
CAPÍTULO 17	195
CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO SOBRE O LETRAMENTO ESCOLAR PARA ESTUDANTES CEGOS E COM BAIXA VISÃO	
Luana Monteiro Rodrigues Suelene Silva Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170517	
CAPÍTULO 18	217
PRÁTICA PEDAGÓGICA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS	
Edna da Silva Torres Joas Moraes dos Santos Márcia Suany Dias Cavalcante	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170518	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

CAPÍTULO 8

AFRODESCENDÊNCIA E PRÁTICA TRANSCULTURAL DE ESCRITA CRIATIVA EM MESTRADO DA UNIFACVEST, EM 2016

Data de aceite: 02/05/2022

José Endoença Martins

Mestrado em Práticas Transculturais –
UNIFACVEST
Lages, SC
ORCID: 0000-0003-3237-9302

RESUMO: O artigo discute o desenvolvimento da escrita criativa negra, na disciplina *Literatura Afrodescendente*, com 13 mestrados do Programa de Pós-Graduação em Práticas Transculturais da UNIFACVEST, no ano de 2016. A análise envolve o delineamento da proposta, a partir da oferta do conteúdo literário, da teoria associada à experiência negra em Lages e da produção dos contos pelos acadêmicos. Os resultados mostram que os quatro contos escritos pelas quatro equipes de três mestrados contêm personagens negros com características inter-e intrarraciais de *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*.

PALAVRAS-CHAVE: Afrodescendente. Transculturalidade. Negrice. Negritude. Negritice.

TRANSCULTURAL PRACTICE OF AFRICAN DESCENT IN CREATIVE WRITING AT UNIFACVEST GRADUATE PROGRAM, IN 2016

ABSTRACT: The article discusses the development of creative writing in the discipline of *Afro-Descendant Literature* with thirteen graduate students from the *Graduate Program of Transcultural Practices* at UNIFACVEST, in the year 2016. The analysis involves outlining the

proposal based on the given literary content, the theory associated with black experience in Lages and the short-story writing by the academics. The results show that the four short-stories produced by each of the four three-member-student groups contain black characters with the inter-and-intraracial characteristics of *Negricesness*, *Negritude* and *Negriticesness*.

KEYWORDS: Afrodescendence. Transculturality. Negricesness. Negritude. Negriticesness.

E o escuro. Todo mundo acha que o escuro é uma cor só, mas não é verdade. Há cinco ou seis tipos de negro. Uns sedosos, outros peludos. Alguns não passam de vazios. Outros são como dedos. E ele não fica quieto. Está sempre se mexendo e muda de um tipo de preto para outro. Considerar uma coisa muito escura é como dizer que ela é verde. Ora, que tipo de verde? Verde como essas garrafas? Como um gafanhoto? Verde como um pepino, uma alface ou como um céu antes da tempestade? Bem, a escuridão da noite é mais ou menos a mesma coisa. Pode ser um arco-íris.

Toni Morrison, 1994.

A epígrafe acima, extraída de *A Canção de Solomon*, romance de Morrison (1994), antecipa os três aspectos mais relevantes do tópico que encontraremos neste artigo. Primeiramente, as palavras da autora antecipam a pluralidade do afrodescendente, compreendida em seus “cinco ou seis tipos” de escuro. Depois, proclamam a diferença na pluralidade, contemplada pela

distinção entre os dedos da mão. Por fim, adicionam mobilidade negra, como reforço do que se passa entre pluralidade e diferença, visível na sugestão de que a afrodescendência “está sempre se mexendo e muda de um tipo de preto para outro.” Morrison conclui que pluralidade, diferença e mobilidade conferem ao afrodescendente a multiplicidade identitária de “um arco-íris.”

Em agosto de 2016, pluralidade, diferença e mobilidade povoavam minha mente quando se deu meu primeiro encontro com os 14 mestrandos do primeiro programa de mestrado da UNIFACVEST, em Lages. No programa chamado *Mestrado em Práticas Transculturais*, minha disciplina foi *Literatura Afrodescendente*. O assunto da disciplina era, até então, novidade completa para os mestrandos, impressão que se consolida em mim no transcorrer das aulas e nos relatos pessoais de cada participante. Nunca haviam sido apresentados a obras escritas por autores negros, me confidenciavam, às vezes, com destaque para os textos de poetas, contistas, teatrólogos, críticos e romancistas oriundos de países dos continentes africano, americano (Sul, Central, Norte, Caribe) e europeu.

Diante do inusitado do assunto para aqueles acadêmicos, os nossos encontros se transformaram em experiências promissoras para mim. Tive a preocupação de não quebrar as expectativas dos mestrandos, oportunizando-lhes conteúdo e atividades que, eu acreditava, os levariam a redimensionar as visões estereotipadas, ou incompletas, sobre a afrodescendência, que, porventura, pudessem haver alimentado durante os anos de ausência de contato com autores negros, suas obras, estilos, ideias e personagens. Meu desejo era me valer da tradição literária negra para incentivar a ocorrência de pensamentos e atitudes antirracistas, através da responsabilidade sartreano que associa a responsabilidade individual à coletiva. Além disso, acreditava que uma educação libertária em relação à afrodescendência poderia se valer das ideias de Paulo Freire, com base na noção de *Conscientização*. Durante o semestre, a abordagem à *Literatura Afrodescendente* se ancorou, basicamente, em quatro vetores centrais: conteúdo, conceitos e atividades, visando estabelecer encontros transculturais com base em reflexões literárias e étnico-raciais.

A abordagem da qual me vali para lidar com o conteúdo da disciplina *Literatura Afrodescendente* se estribou em dois grandes conjuntos de textos: teóricos e criativos, indo da teoria à criação. Julgava que o acesso à reflexão teórica auxiliaria os mestrandos quanto ao envolvimento pessoal com a produção criativa de poemas, teatro e romances, e vice-versa. Isto é, a leitura e análise de textos criativos contribuiria para a apreensão da escrita teórica. A teoria se associou à caracterização de três conceitos básicos: *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*. Suas ramificações, porém, se expandiram para mais além, como veremos em seguida.

Na condução do curso, insisti no estabelecimento de relações consistentes entre os conceitos *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*, os personagens-protótipos Ariel, Calibã e Exu, as identidades assimilacionista, nacionalista e catalista, e os inúmeros personagens presentes

nos textos criativos. Parti da ideia de que, desde a escravidão, o afrodescendente tem se transformado em um sujeito que se desloca da subjetividade inconsciente à subjetivação consciente, com passagem pela experiência da colonização, descolonização e pós-colonização, no âmbito dos encontros interculturais e interracialis de brancos e negros. O que torna o afrodescendente um sujeito singular é justamente sua capacidade de movimentar-se entre estes três distintos momentos do colonialismo europeu, conflagrado pela economia escravagista e suas deletérias consequências nos séculos subseqüentes, estendendo-se aos dias, sob diversos aspectos quase todos danosos para os pobres.

O texto que introduz a abrangência da teoria que procura dar conta das relações entre os conceitos de *Negrice*, *Negritude* e *Negritice* é da lavra de Du Bois (1999). No ensaio *As Almas da Gente Negra*, o pensador afro-americano nos conduz pela importância da noção de *dupla consciência*, ou seja, a compreensão da dualidade de ser negro e ser americano, ao mesmo tempo. Du Bois percebe aí uma duplicidade crucial que ele caracteriza como “duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliáveis; dois ideais que se combatem num corpo escuro.” (DU BOIS 1999: 54) Viver, plenamente, esta dupla individualidade tem sido, segundo o autor, a luta do negro diaspórico. É sobre a dualidade negra que procuro refletir, na análise dos textos teóricos que virá em seguida.

Tanto no âmbito da teoria como na abrangência dos textos criativos, a mesma dupla consciência se faz presente. Desde as primeiras narrativas de escravos, a literatura afrodescendente tem-se revelado o espelho que reflete os deslocamentos raciais de sujeitos negros, o que prova a busca da dupla individualidade de que fala Du Bois (1999). Vários textos criativos foram selecionados, desde alguns bem pessoais e outros de artistas e pensadores negros e brancos consagrados. A utilização de escritos criativos visava exemplificar, complementar e suplementar os textos teóricos. A associação entre os textos teóricos visava permitir que os mestrandos se dessem conta das íntimas relações que se podem reconhecer entre a teoria e a produção criativa. Como no caso da literatura teórica colocada à disposição dos estudantes, os escritos criativos se associaram aos conceitos de *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*.

O texto criativo introdutório foi o poema *José*, de minha autoria, acompanhado da foto de uma escultura de Exu, o orixá afrodescendente com duas cabeças. O poema é autobiográfico e consigna a força dos conceitos *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*, visível nos versos. Através dos atributos semânticos do orixá Exu, *José* também se vale do conceito de *Signifyin(g)* ao estabelecer aproximações de sinonímia entre os mundos negro e branco, representados pelo abolicionista negro José do Patrocínio e por outro poema *José*, este do poeta branco brasileiro Carlos Drummond de Andrade. O meu poema se reveste de dualidade cultural por aproximar o negro Patrocínio e o branco Drummond, assim como o orixá Exu sugere duplicidade semântica, simbolizada na posse de duas cabeças ou duas bocas, fenômeno que lhe concede a viabilidade de comunicação entre duas culturas: cada boca fala uma cultura diferente da outra. No meu autobiográfico *José*, a dualidade do

poema se junta ao sincretismo do orixá Exu.

O conceito de *Signifyin(g)*, tendo Exu como seu símbolo maior, é tomado aqui como a concretização do diálogo entre textos negros, que se estabelece a partir da ideia de imitação, revisão, repetição e diferença. O primeiro exemplo de *Signifyin(g)* no curso foi dimensionar o encontro entre textos teóricos e criativos. Tal encontro se apoia nas implicações que os conceitos *Negrice*, *Negritude* e *Negrice* oferecem à utilização de teoria e criação literárias.

As dinâmicas da narratividade associada à noção de *Negrice* que, aqui, se identifica com a *Signifyin(g)* dialógica de Gates (1988) – na poesia, drama e ficção – permitem que percebamos a construção da identidade assimilacionista do afrodescendente. O conceito trata da percepção de como autores negros levam alguns dos seus personagens a migrarem, física, espiritual, mental ou simbolicamente, do ambiente negro onde vivem para o mundo branco onde almejam realizar-se, ou onde desejam construir experiências alternativas àquelas que vivenciavam no mundo negro. Este deslocamento enseja a que *Negrice*, ou seja, a idealização de valores brancos pela pessoa negra, os leve a construir identidades assimilacionistas, isto é, a postular, e, até, desenvolver identificações afetivas com pessoas, produtos e bens culturais de matriz branca, quase sempre ingenuamente. Tal postura apresenta aspectos positivos quando não se eterniza, assumindo caráter temporário. Por outro lado, a eternização do contato do personagem negro com a cultura branca impede que adquira mobilidade identitária, intra-e-inter-racial. **(AQUI)**

Na verdade, a assimilação de valores brancos ou ocidentais não é desejo exclusivo de negros, mas um fenômeno que acomete a certos grupos de colonizados. Em *A Tempestade*, de Shakespeare (1999), por exemplo, Ariel desenvolve identidade assimilacionista ao aderir ao projeto colonialista de Próspero. Suas palavras de adesão são enfáticas:

Salve, meu amo! Meu senhor, cá'stous

Pra atender seu prazer, seja voar,

Nadar, entrar no fogo, cavalgar

As nuvens; pra cumprir as suas ordens,

Eis, Ariel e seus pares (SHAKESPEARE, 1999: 26/27)

A partir do atestado adesista de Ariel a Próspero, alguns intelectuais negros e não-negros têm discutido a assimilação como experiência do colonizado, negro ou não. Rodó (1991) descreve o espírito shakespeareano como o personagem-metáfora do negro – colonizado e assimilacionista – enfatizando sua imagem ocidentalizada. “Ariel, gênio do ar, representa no simbolismo da obra de Shakespeare a parte nobre e alada do espírito. Ariel é o império da razão e do sentimento sobre os baixos estímulos da irracionalidade” (RODÓ, 1991: 13), escreve o autor. Outros intelectuais seguem a mesma linha. Fanon (2005), por exemplo, afirma que, como o shakespeariano Ariel, o colonizado “aceitava a justeza” das ideias colonialistas “e podia-se descobrir, num recanto do seu cérebro, uma sentinela

vigilante encarregada de defender [valorizar] o pedestal greco-latino” [ocidental].” (FANON, 2005: 63) Este “pedestal” cultural ocidental, segundo Memmi (2007), simboliza “um modelo tentador muito próximo [que] se oferece e se impõe a ele [colonizado]” e o leva a querer “mudar de condição mudando de pele.” (MEMMI, 2007: 162) Compatível com as palavras de Fanon e Memmi, aparece a visão de West (1993), para quem, a vontade de usufruir do modelo cultural prestigioso do branco – colonizador ou não – se faz o negro depositar seu futuro “numa disposição deferente ao pai ocidental.” (WEST, 1993: 85). Du Bois (1986), por sua vez, faz eco a todos esses pensadores, enfatizando a grande indagação negra: “afinal, o que sou eu? Sou um americano [branco]?” (DU BOIS, 1986: 821) As palavras de Glissant (2005) e Ferreira (2004) nos ensinam que o negro assimilacionista constrói “uma identidade com raiz única” (GLISSANT, 2005: 27), unidirecional, em favor “de uma idealização da visão dominante do mundo branco.” (FERREIRA, 2004: 70). Como se trata de um movimento em uma única direção – sem trocas – ainda não se pode falar em tradução do negro ou do colonizado. Hall (2006) acredita que, neste tipo de deslocamento de uma herança cultural negra para a branca, persiste nos sujeitos que se deslocam o propósito de um dia voltar à tradição original. Aqui, Hall chama de negros *tradizidos* aqueles que acham “tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando às suas ‘raízes’, ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização.” (HALL, 2006: 88).

Nas aulas aos mestrandos, textos criativos utilizados para dar conta da Negrice sugeriam que, em determinados momentos cruciais de suas vidas, personagens negros desejaram garantir para si valores dos colonizadores europeus, todos eles brancos. Neste sentido, o texto emblemático deste momento de colonização é *A Tempestade*, peça de teatro de William Shakespeare (1611). Nele, encontramos Ariel, o espírito que se oferece a ajudar Próspero se apossar plenamente da ilha que pertence à Sycorax, mãe de Calibã. Nos Estados Unidos, o romance *O Olho Mais Azul*, da afro-americana Toni Morrison (1970), retrata o desejo da menina negra Pecola Breedlove de possuir olhos azuis, para contrabalançar a pobreza, a feiúra e o desamor que percebe no seio da família e da comunidade negra à qual pertence. Outra ficção da *Negrice*, selecionada, foi escrita pelo afro-nigeriano Chinua Achebe (1958). *O Mundo se Despedaça* percorre com o jovem Nwoye trajetória semelhante à da menina de Morrison. O jovem Ibo busca a conversão ao cristianismo para ter acesso aos bens culturais que os colonizadores ingleses colocam ao seu alcance através da conversão. A saga assimilacionista de personagens negros segue pelas letras negro-caribenhas. É o caso de Cathy Gagneur, personagem feminina da escritora afro-guadalupense Marise Condé (1995), no romance *Corações Migrantes*. Cathy, igualmente ambiciona adquirir bens culturais dos colonizadores brancos locais e proprietários de extensas plantações de cana. Ela aprende a falar francês e a se comportar como uma dama branca, casando com Aymeric Linsseuil, um grande plantador de cana local e vai morar com a família do marido em Belles-Feuilles, a majestosa mansão da família dele.

Na Inglaterra, a Negrice fica por conta da refugiada nigeriana Udo, personagem central do romance *Pequena Abelha*, escrito por Cris Cleave (2008). Udo se iguala a Pecola, Nwoye e Cathy, uma vez que, como aqueles, deseja angariar o bem cultural ocidental de falar inglês com o altíssimo nível dialetal do *Queen's English*. O último excerto selecionado foi o poema *Sonho Branco*, de Cruz e Souza (1893). Com ele busca-se lidar criticamente com uma parte da crítica literária que assinala que a poesia do simbolista do desterrense seria branca e, portanto, se casaria com os ditames conceituais da *Negrice*. Para esta mesma orientação crítica a prosa de Cruz e Souza deveria ser vista como negra. Assim, o eu lírico que emerge do poema seguiria as mesmas pegadas assimilacionistas de Pecola, Nwoye, Cathy e Udo.

Como já vimos, mas vale retomar, a identidade assimilacionista descreve a adesão do negro aos valores culturais do Ocidente, simbolizados na branquidade brasileira ou ocidental, atitude ou identidade atestada pela noção de *Negrice* e pela metáfora da *Signifyin(g)*. Alguns desses valores incluem nobreza de espírito, racionalidade e sentimentos elevados (RODÓ, 1991: 13); outros listam beleza, genialidade, trabalho e bondade (DU BOIS, 1998: 30); Memmi (2007) realça que o branco tem direitos, bens e prestígios. Além disso, “dispõe das riquezas e das honras, da técnica e da autoridade” (MEMMI, 2007: 163). A partir daqui a nacionalista é a identidade propositiva do negro, que explica a aceitação e a vivência dos valores de matriz africana por parte do afrodescendente. Sua base cultural negro-africana se opõe ao modelo branco-europeu da assimilação. A decisão de afirmar valores negros ou afro centrados encontra abrigo no conceito *Negritude* e na dialogicidade da metáfora *Signifyin(g)*.

Em *A Tempestade*, de Shakespeare (1999), o personagem-protótipo Ariel sob influência branco-europeia, cede lugar ao Calibã de orientação negro-africana. Em vez do apoio ao projeto colonialista de Próspero, como faz Ariel, Calibã articula a destituição do europeu que se apoderou da ilha, da qual os dois – Ariel e Calibã – são donos e herdeiros por direito. Em três momentos, a derrubada do colonizador europeu está presente na resistência de Calibã à colonização patrocinada por Próspero e seu ideário colonialista. Na primeira ocasião, Calibã reivindica a posse da ilha, bradando: “a ilha é minha, da mãe Sycorax, que você me tirou.” (SHAKESPEARE, 1999: 35). Em seguida, a reivindicação se dá através da maldição que lança sobre Próspero:

Maldito seja! Todos os encantos
de Sycorax – sapos, escaravelhos,
e morcegos, te ataquem todos juntos! (...)
Agora eu sei falar, e o meu proveito
é poder praguejar. Que a peste o pegue,
por me ensinar sua língua!” (SHAKESPEARE, 1999: 35-36)

Por fim, Calibã planeja a morte de Próspero, com o auxílio de dois colaboradores

europeus que o acompanham. “Com uma acha amassa o crânio, ou rasga com pancada, ou corta a goela com a faca.” (SHAKESPEARE, 1999: 85), Calibã os aconselha.

A luta de Calibã pela autonomia e independência de colonizado, através do desejo de retomada da ilha de sua mãe Sycorax, encontra paralelo em textos de vários pensadores negros e brancos. Com maior ou menor veemência, agressividade ou determinação, os novos calibãs espalham nas letras negras sua Negritude nacionalista. Retamar (1988), por exemplo, reclama Calibã, com paixão, afirmando que “nosso símbolo, então, não é Ariel, como pensou Rodó, mas Caliban (...) Não conheço outra metáfora mais adequada para nossa situação cultural, para nossa realidade (...) O que é a nossa história, o que é a nossa cultura senão a história, senão a cultura de Caliban?” (RETAMAR, 1988: 29) Fanon (2005) olha para a busca de autodeterminação de Calibã como desejo de descolonização, que impregna, no negro colonizado, “um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos.” (FANON, 2005: 53) Esta “nova humanidade” negra de que fala Fanon é retomada por Memmi (2007) como “ruptura”, através da qual, o colonizado se pergunta: “como sair disso a não ser por meio da *ruptura*, da explosão, cada dia mais violenta, desse círculo infernal? A situação colonial, por sua própria fatalidade interna, chama a revolta.” (MEMMI, 2007: 169-170) De mãos dadas, a nova humanidade, a revolta e a ruptura negras encontram em West (1993) uma formulação mais propositiva, não mais direcionada contra o colonizador ocidental ou o opressor branco, mas ativada em favor dos valores culturais de matriz africana. Trata-se, pensa West, de “uma busca nostálgica do pai Africano.” (WEST, 1993: 85) Busca que se concretiza na resposta que a nova humanidade negra, reconquistada, consegue articular à pergunta de Du Bois (1986): “afinal o que eu sou: sou um Negro?” (DU BOIS, 1986: 821)

Imbuído dessa nova humanização autodeterminada e independente, o novo sujeito da Negritude imerge completamente na cultura negra, atitude que para Ferreira (2004) se caracteriza por um “mergulho na negritude e libertação dos valores brancos (...). O interesse pela ‘Mãe África’ torna-se evidente.” (FERREIRA, 2004: 81). Porém, sair da assimilação de valores brancos e passar a valorizar e vivenciar os valores negros ainda é uma atitude reativa, necessária, mas incompleta, para a deflagração de uma “humanidade negra” construtiva. Assim entendida e vivida – apenas como reação ao ideário colonizante – a Negritude é denunciada por Glissant (2005) como proveniente de uma cultura atávica. “As culturas atávicas,” ensina Glissant, “tendem (...) a defender de forma frequentemente dramática (...) o estatuto da identidade como raiz única (...) e excluem o outro.” (GLISSANT, 2005: 27) Identidades excludentes, como a assimilacionista apoiada nos bens culturais ocidentais, e a nacionalista, baseada somente nos valores de matriz africana, se tornam “identidades purificadas”. “A pureza identitária,” escreve Robins (1991), “procura assegurar tanto a proteção contra, como a superioridade de posição sobre, o outro externo.” (ROBINS, 1991: 42) Como se trata de uma identidade marcada pela polaridade entre dois mundos

antagônicos, duas tradições opostas, Hall (2006) acredita que o negro que nela se constrói acha “tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro,” (HALL, 2006: 88) no Ocidente ou na África. Durante a assimilação, e ele que já foi branco, tendo excluído o negro; agora, é o negro que exclui o branco, durante o nacionalismo.

A discussão do nacionalismo negro desenhada até aqui pode ser apreendida numa palavra-conceito: Negritude. Ela serve para nos referirmos às atitudes nacionalistas de personagens negros, ou seja, às posturas de autoafirmação e de valorização da experiência negra. No artigo *Negritude: Repetição e Revisão*, associo à Negritude “os aspectos positivos” (MARTINS, 2003: 15) de se viver os valores negros. Historicamente negritude foi um movimento literário desencadeado por escritores e intelectuais negros, a partir dos anos 1930 na França, que, segundo Damasceno (2004), “ênfatiza a questão de como expressar literariamente o mundo social, os pensamentos e os sentimentos não-europeus em uma língua europeia.” (DAMASCENO, 2004: 18) Pessanha (2003), por sua vez, esclarece que um desses escritores ativos no movimento, “Aimé Césaire criou o vocábulo negritude [a partir do adjetivo francês *nègre* de conotações pejorativas], no sentido de afirmação do ser negro, auferindo-lhe uma significação positiva.” (PESSANHA, 2003: 151). Ao explicar o termo, o próprio Césaire (2004) afirma que Negritude representa “a busca da nossa identidade, a afirmação do nosso direito à diferença, e o reconhecimento por todos deste direito e deste respeito à nossa personalidade como comunidade.” (CÉSAIRE, 2004: 89)

Além de assimilacionistas como Pecola Breedlove, Nwoye, Cathy Gagneur, Udo e o eu-lírico de Cruz e Souza, a literatura afro/euro-descendente apresenta também um conjunto de personagens negros que aderem a valores culturais de matriz africana. Optam pela *Negritude*, assumindo, assim, identificação forte com agentes da africanidade e a afirmação de postura afro centrada. Durante o curso, levei à apreciação e escrutínio dos mestrandos alguns textos criativos orientados para a Negritude. Inicialmente, informei-lhes que o dramaturgo inglês William Shakespeare teria como contribuir para a construção do conceito da *Negritude*. A peça de teatro *A Tempestade*, escrita em 1611, oferece Calibã como personagem-protótipo da Negritude. É Calibã que, em oposição ao colaboracionista Ariel, se insurge contra o colonizador Próspero, intencionando recuperar a ilha para si e a mãe Sycorax, de quem havia sido roubada pelo europeu. Em seguida, Milkman, personagem central do romance *A Canção de Solomon*, de Toni Morrison (1977), se alia à postura descolonizadora de Calibã, quando se dirige ao sul dos Estados Unidos, na companhia da tia Pilate, para encontrar as origens culturais e raciais da sua família negra, os Deads. Da África, trouxe para conhecimento dos mestrandos o nome de Okonkwo, um guerreiro ibo, personagem central do romance *O Mundo se Despedaça*, de Chinua Achebe (1958). Como Calibã, Okonkwo se insurge contra a presença dos cristãos ingleses, desejosos de implantar o cristianismo europeu na rotina religiosa do clã do qual Okonkwo é o grande líder. Diferente do filho Nwoye, convertido ao cristianismo, Okonkwo resiste, até o suicídio

final. Do Caribe chega aos estudantes o romance *Corações Migrantes*, da guadalupense Marise Condé (1995). A narrativa faz surgir a figura de Razyé, um negro calibanista que, seguindo os passos insurgentes do personagem anticolonialista de Shakespeare, luta para destruir política e economicamente os proprietários das grandes plantações de cana de açúcar. Sua ação mais consistente ele a dirige contra o grande empresário açucareiro, o créole Aymeric Linsseuil, marido de Cathy Gagneur, grande paixão de Razyé na juventude. Ainda no Caribé surge Zarité, a escrava do romance *A Ilha sob o Mar*, da chilena Isabel Allende (2009). Na obra, a escrava Zarité, representa a coragem, a resiliência e o amor à liberdade, fugindo da escravidão em São Domingo e experimentando uma existência de liberdade em Nova Orleans, nos Estados Unidos.

Como já vimos, metaforicamente, Ariel e Calibã representam polaridades antagônicas. Importantes, mas insuficientes para a formação identitária afrodescendente. Os efeitos de sua ação também se polarizam, opondo-se uns aos outros. Como na lógica colonialista binária, os valores brancos e negros se antagonizam. Vimos, também, com ampla exposição teórica, que quando um negro viaja para o mundo branco ele assimila a, se integra à, cultura branca. Descobrimos, igualmente, que quando se volta para mundo negro ele rejeita a cultura ocidental. Isolado no extremo branco ou na extremidade negra, o afrodescendente permanece um sujeito *tradizido*, isto é, se torna um *Self* que se apegua, de forma essencialista, à tradição na qual se encontra inserido momentaneamente. Domesticado em trincheiras culturais distintas, o afrodescendente não se traduz culturalmente. O sujeito *tradizido*, isto é, o sujeito imerso em uma única tradição, insiste “na manutenção da ilusão protetora, na luta pela completude e a coerência através da continuidade (...) na busca da pureza e da identidade purificada.” (ROBINS, 1991: 41-42). Qual a alternativa ideal para o negro, arielismo assimilacionista ou calibanismo nacionalista? A partir daqui, avento uma possibilidade de resposta.

Adiante, adicionamos ao negro *tradizido* assimilacionista ou nacionalista, ou seja, apegado a uma única tradição cultural/racial, o afrodescendente *traduzido*. Ao puro juntaremos o impuro, à identidade purificada uniremos a identidade contaminada. A tradução racial recebe o nome de Negritice, ou seja, a soma de *Negritude* e *Negrice* (**NEGRIT+ICE**), que se associa à metáfora da *Signifyin(g)*, pela sua capacidade de diálogo intertextual. Negritice, *Signifyin(g)* e tradução se ajustam à ideia de literatura diaspórica, melhor do que a tradição cultural. A tradução racial, resultante de encontros interraciais, é subcategoria “da tradução cultural,” que Steiner (2009) ensina, “procura estabelecer principalmente as múltiplas e diversificadas filiações que migrantes e exilados negociam fora de suas coletividades singulares e específicas.” (STEINER, 2009: 155). É como tradução – não como tradição – que introduzimos, aqui, o termo catalismo para nos referir à criouliização cultural, na qual o negro e o branco operam tática, estratégica e conjuntamente, em processo de “dar e receber, onde novos significados culturais e raciais surgem no local dos encontros das humanidades comuns.” (STEINER, 2009:7).

Esta reciprocidade cultural e racial é metaforizada por Exu. A divindade afrodescendente não se encontra em *A Tempestade* de Shakespeare (1999), como acontece com Ariel e Calibã, mas aparece em *Une Tempête* do poeta negro Aimé Césaire (1969), uma releitura da obra shakespeariana, durante a festa de casamento de Miranda com Ferdinando. Com humor, Exu saúda os convidados: “Deus para os amigos, O diabo para os inimigos! E a diversão para todos.” (CÉSAIRE, 1969: 68). Dotado da capacidade de fundir mundos opostos, Exu metaforiza a futura aproximação entre Próspero e Calibã, presente nas palavras do europeu: “bem, meu velho Caliban, somos só nós dois nesta ilha, só você e eu. Você e eu! Eu sou você! Você sou eu!” (CÉSAIRE, 1969: 92). As expressões “eu sou você” e “você sou eu” sugerem tradução pontual entre colonizador e colonizado, representados por Próspero e Calibã.

Gates (1988) enaltece a imagem de tradutor cultural presente na divindade de Exu. Argumenta que, de um lado, Exu traduz a cultura dos deuses para os homens e, do outro, interpreta a cultura dos homens para os deuses. A tradução do divino para o humano e do humano para o divino é possível porque, segundo Gates, Exu “mantém uma perna ancorada no reino dos deuses e a outra neste nosso mundo humano.” (GATES, 1988: 6). Ocupando esta posição mediadora – o entrelugar da encruzilhada – Exu é “aquele que traduz, que explica” (GATES, 1998: 9) o conhecimento. Gates enxerga em Exu um tradutor racial também, ao afirmar que “podemos tomar” Exu “como esta forma de significação perpétua ou ambulante”, ou seja, “como um emblema do processo da transmissão cultural e racial que sempre acontece com uma frequência extraordinária quando culturas africanas e de matriz africanas se encontram com as culturas europeias do Novo Mundo e, juntas, geram uma nova cultura,” (GATES, 1988: 19) a afro-americana. Devido à capacidade de intermediar os deuses e os homens, os africanos e os europeus, como Gates afirma, Exu é capaz de juntar Ariel e Calibã, como deseja Retamar (1968). Ariel, argumenta Retamar, pode “se unir a Caliban, em sua luta pela verdadeira liberdade,” (RETAMAR, 1988: 65) e pode, desta forma, “com seu próprio exemplo, luminoso e aéreo como poucos” pedir “a Caliban o privilégio de um lugar em suas fileiras sublevadas e gloriosas.” (RETAMAR, 1988: 73)

A insistência de Exu na reciprocidade híbrida deve redundar na construção de identidades catalistas. Conectado a Exu, o catalista afrodescendente concilia, com consciência, sua cultura com a do branco-europeu. Fanon (2005) a caracteriza como a conciliação entre o nacional e o internacional, dizendo que “é no coração da consciência nacional que se eleva e se vivifica a consciência internacional. E essa dupla emergência é apenas, definitivamente, o núcleo de toda cultura.” (FANON, 2005: 283). E Memmi (2007) acredita que a liberdade virá desta reciprocidade interracial e intercultural. “Uma vez reconquistadas todas as suas dimensões,” Memmi explica, “o ex-colonizado se terá tornado um homem como os outros. Ao sabor da fortuna dos homens, é claro; mas será enfim um homem livre.” (MEMMI, 2007: 190). Livre da assimilação e do nacionalismo

essencialistas, o novo afrodescendente desenvolve uma postura que se alimenta de “uma negação crítica, de uma preservação sábia e de uma transformação insurgente desta linhagem negra que protege a terra e projeta um mundo melhor.” (WEST, 1993: 85). A construção de um mundo melhor só é possível com a união dos dois mundos, como Du Bois (1986) parece sugerir, ao perguntar-se “afinal, o que sou eu? Posso ser os dois?” (DU BOIS, 1986: 821), negro e branco. A pergunta de Du Bois recoloca a alteridade de Exu na experiência afrodescendente. Alteridade que Ferreira (2004) define como “coalizão” ativa, pois, “neste estágio, o indivíduo negro, enquanto mantém relações com pares negros, deseja estabelecer relacionamentos significativos com não-negros de seu conhecimento, respeitando suas autodefinições.” (FERREIRA, 2004: 83) O ato cooperativo, recíproco, entre as duas subjetividades, a branca e a negra, é celebrado por Glissant (2005) como identidade rizomática, ou seja, “como raiz indo ao encontro de outras raízes.” (GLISSANT, 2005: 2) Como resultado do entrelaçamento de várias raízes, a catalista não se configura como identidade pura ou purificada igual à assimilacionista e à nacionalista. Robins (1991) sugere que “é na experiência da diáspora” (...) e da migração que “a diferença é confrontada: fronteiras são cruzadas; culturas são misturadas; identidades são borradas.” (ROBINS, 1991: 42) Esta tradução identitária coloca o afrodescendente na seguinte situação: “ele é obrigado a negociar com as novas culturas em que vive, sem simplesmente ser assimilado por elas e sem perder completamente suas identidades. Ele carrega os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foi marcado.” (HALL, 2006: 88-89)

Negrice, Negritude e Negritice são desenvolvimentos teóricos e práticos que, em 2003, recebe caracterização específica no ensaio *Negritice: Repetição e Revisão*. Definia-os, então, como “Negritice – combinando os aspectos positivos da negritude e as configurações negativas da Negrice – é o conceito que marca as discussões de raça na literatura que produzo desde 1993, quando é lançado o romance Enquanto Isso em Dom Casmurro.” (MARTINS 2003: 15) Nas quase três décadas desde então, ensaios teóricos, obras criativas, análises críticas e desenvolvimentos de práticas pedagógicas vêm se construindo em relação à esta tríade conceitual. Não será diferente na caracterização da prática procurarei delinear na discussão que segue. O que bem caracteriza a tríplice conceituação na movimentação identitária dos seus agentes ou pacientes negros é o que Hughes (1944) chama de “boa vontade” entre os seres humanos, brancos e negros. Escreve o autor afro-americano que

Não queremos nada que não seja compatível com a democracia e a Constituição, nada incompatível com o Cristianismo, nada incompatível com uma vida sensível e civilizada. Queremos simplesmente oportunidade econômica, oportunidade de educação, vida decente, participação no governo, justiça perante a lei, cortesia social e igualdade nos serviços públicos. Não há nada de errado em querer essas coisas, não é? (...) Somos homens de boa vontade em busca da boa vontade de outros (HUGHES, 1944: 265).

Estes negros “de boa vontade”, segundo Hughes (1944), lograram encontrar a “boa vontade” de outros humanos – negros e brancos –, como o delineamento dos conceitos de *Negrice*, *Negritude* e *Negritice* procurou mostrar. Em 2016, na sala de aula com os mestrandos da UNIFACVEST, os três conceitos também se ampararam na “boa vontade” dos acadêmicos.

Durante as aulas, os mestrandos, quase todos professores da instituição, foram apresentados a narrativas ficcionais, textos poéticos e ensaios teóricos e críticos, todos relacionados às experiências dos negros nos vários continentes: África, Américas, Caribe e Europa. As discussões dos textos incluíram as explicações do professor da disciplina, as contribuições pessoais e livres dos mestrandos e os seminários de avaliação sobre temas afins, individual e coletivamente. A forma mais abrangente e desafiadora de os mestrandos se apropriarem do vasto material teórico e prático disponibilizado foi a elaboração de um conto negro. Foi-lhes sugerido que um conto negro seria aquele em que os personagens se veriam envolvidos em experiências de matiz afrodescendente, definidas e delimitadas pelos autores com base no material teórico e prático analisado, discutido e comentado. A proposta do conto foi resumida nestes termos: dramatização de estratégias e táticas pessoais utilizadas por personagens negros para estabelecer relações de aproximação e distanciamento entre os mundos negro e branco.

A confecção do conto se desenvolveu por grupos de três mestrandos, em dois momentos específicos: (1) o conto propriamente escrito; (2) apreciação teórica e crítica da narrativa curta. A estrutura formal do conto, incluindo a narrativa e a crítica, contemplou os seguintes elementos: (1) personagens negros: protagonista, antagonista e mediador; (2) conceitos: *Negrice*, *negritude* e *Negritice*; (3) metáforas: Ariel, Calibã e Exu; (4) identidades: de assimilação, nacionalismo, catalismo; (5) valores culturais: negros, brancos e mistos; (6) Textos teóricos: de Albert Memmi, Henry Louis Gates, Frantz Fanon, Eduardo de Assis Duarte, Ricardo Franklin Ferreira, Ruth Frankenberg e outros; (7) Textos criativos: romances, contos, poemas, teatro de autores negros e brancos. A qualidade do conto foi relacionada à forma como os mestrandos combinariam artística e criticamente a trama da narrativa com os personagens, os conceitos, as metáforas, as identidades, os valores culturais, os textos teóricos e os textos criativos. O desenvolvimento do conto se processou durante o curso. Os seminários de discussão se organizaram para que os mestrandos pudessem verbalizar questionamentos, dúvidas e soluções encontradas para as dificuldades que se apresentaram.

Como resultado, quatro contos foram confeccionados. Neles, os autores se debruçaram sobre a construção das relações que três personagens negros estabeleceram entre o mundo negro e o branco, na região de Lages (SC). Também se realçaram as maneiras como os personagens promoveram mudanças substanciais nas percepções que ostentavam a respeito dos dois mundos, como resultado das posturas relacionais que estabeleceram com seus pares, em termos de aproximação ou afastamento identitário

raciais e culturais. O quadro abaixo procura mostrar os alcances raciais e as posturas antirraciais dos contos confeccionados:

Conto/Autor	Busca Branquidade	Defesa da Africanidade	Fusão Africanidade/ Branquidade
	Negrice Ariel Assimilação	Negritude, Calibã, Nacionalismo	Negritice, Exu, Catalismo
“Viagem de Volta” Artur/Lucas/Oliveira	Isabel	Dona Lourdes	Augusto
“Madeinusa” Cassandro/Igor/ Moderno/ Mariani	Madeinusa	Lindomar	Mãe Tereza
“Caô Brabo” Rafael/Andréia/Rosane	José	Vacilão	Caveira
“Conto de Negros por Brancos” Diego/Fabiany/Tatiana	João	Carlos	Paulo

Contos Negros: Resultados Preliminares

A leitura e análise dos contos evidenciaram que os personagens Isabel, Madeinusa, José e João, em determinados momentos de suas vidas se viram envolvidos, deliberadamente ou não, em situações que os levaram a admitir que a mais adequada postura que puderam assumir foi adotar valores brancos: a vida nos Estados Unidos (Isabel); o estudo na escola dos brancos (Madeinusa); a posição de carcereiro concursado (José). Os autores realçam a assimilação de José nas próprias palavras do personagem:

Eu sou gente aqui. Sou agente penitenciário, fiz concurso, teste de aptidão física e entrevista com psicólogo. Trabalho pro governo. Tenho até plano de saúde. Meu trabalho é ser tratador de animais e guardar o lixo da sociedade, esconder e manter escondido aquilo que ninguém quer ver lá fora. Meu nome é José, mas aqui a malandragem me chama de senhor.

Por fim, aquisição de comportamento semelhante ao dos meninos brancos no colégio (João). Em função das posturas assumidas, estes personagens se revelaram negros arielistas, aderiram ao conceito da *Negrice*, ativaram identidades assimilacionistas e almejavam valores brancos.

As construções identitárias de Dona Lourdes, Lindomar, Vacilão e Carlos se contrapõem àquelas de Isabel, Madeinusa, José e João, por não promoverem a adesão aos valores de matriz branca ou ocidental. Na verdade, a luta deste segundo de negros se caracterizou pela promoção, defesa e afirmação de valores culturais negros e da cultura de matiz africano. Ao se associarem à gama das experiências negras, eles o fizeram sob a tutela da força revolucionária de Calibã. Por exemplo, Dona Lourdes desenvolveu identidade nacionalista sob a vigilância de Calibã na atividade de Mãe de Santo. Ela se orgulhava do marido por ter sido defensor corajoso dos negros. Dona Lourdes transmitiu ao

neto Augusto o valor do avô. Como Dona Lourdes, ao associar-se a Calibã e à Negritude, Lindomar transformou-se num negro nacionalista, fazendo defesa firme dos valores de matriz africana ao abandonar um sonho antigo de estudar para dedicar-se ao trabalho e, desta forma, poder sustentar a família. Vacilão se distingue tanto de Lourdes quanto de Lindomar. Embora presidiário, Vacilão se rebela contra José que, concursado, não apresentou uma postura crítica em relação à situação em que se encontrava. Vacilão saiu de uma experiência arielista quando se apaixonou pela filha da patroa branca e avançou para vivência calibanista ao se opor às posturas assimilacionistas de José. Na prisão, Vacilão mostrou-se um negro que se auto reconheceu como tal. Por fim, o jovem Carlos foi um negro que se auto reconheceu como tal. Sua postura foi de militância, chegando a enfrentar o irmão mais novo, João, por suas atitudes assimilacionistas. No conto, os autores o descrevem assim:

Carlos gostava de ser negro, gostava dos seus cabelos cacheados, gostava da cor da sua pele. Por isso, passava um longo tempo se preparando para sair. Sempre se preocupava em marcar seu estilo com corte de cabelo, roupas, adereços e uso de cores condizentes com sua origem. Usavam acessórios irreverentes, coloridos, colares de contas, pulseiras de palha de aço. Tinha cabelos encaracolados e grossos que, às vezes, eram vulgarmente chamados de “duros”, às vezes, eram chamados de “pixaim” e “Bombri”. Não obstante a isso, Carlos ficava impassível, com postura ereta, pois tinha orgulho de suas origens, mas seus sentimentos estavam muito intensificados.

Por fim, as demandas identitárias de Augusto, Mãe Teresa, Caveira e Paulo se concentraram na postura catalista, sob os auspícios de Exu. Desta maneira, estes personagens não se isolaram em apegos solitários ao mundo branco ou ao negro. Agindo de forma dialógica procuraram unir os dois mundos, aproximando Ariel e Calibã. O resultado da ação sincrética ou crioulezadora foi a fusão de valores culturais aparentemente antagônicos. Exu é sempre gerador de união, diálogo e congraçamento. O exuista Augusto, por exemplo, era ainda um menino quando a postura conciliadora pessoal foi capaz de harmonizar a mãe Isabel e a avó Dona Lourdes. O congraçamento entre a mãe e filha, por força do comportamento Augusto, se materializou no momento em que Dona Lourdes e Isabel adentraram o terreiro de mãos dadas, as duas paramentadas com as vestes de mãe de santo. Igualmente tocada por Exu, Mãe Tereza – de Santo, também – se comportou como a mediadora que promoveu o reencontro entre o pai Lindomar e a filha Madeinusa. O conto descreveu sua força mediadora:

Mãe Teresa, por sua vez, se encarrega de uma nova e difícil tarefa: fazer Madeinusa sair da favela sem ser percebida por Branquinho. Algumas semanas depois, a ansiedade de Madeinusa quase lhe saltava aos olhos e a certeza do futuro brilhante fazia a mente voar. Chega um bilhete, entregue por Dentinho, neto de sete anos da Mãe Tereza. Ao abri-lo, apenas três palavras que dariam significado a sua vida: “sexta-feira treze”. Poderia ser confuso aos olhos de qualquer pessoa, porém para Madeinusa seria a data marcada para a sua fuga. Nesta data, Mãe Tereza realizaria uma cerimônia de Umbanda

que chamaria a atenção de todos os moradores da favela e a jovem poderia passar despercebida pelos homens de branquinho.

Caveira não foi um Exu que aproxima pessoas, como fizeram Augusto e Mãe Tereza. Ele amalgamou as situações opostas em que estiveram envolvidos José e Vacilão. Ele trafegou entre a África de Vacilão e a Brancolândia de José. De acordo com as regras de Caveira, a união entre José e Vacilão só pôde ser efetivada pela morte de ambos. O que torna a missão de Exu pouco construtiva e os câmbios nas atitudes de José e Vacilão impossíveis. Ao contrário de Caveira, Paulo, pai de Carlos e João, representou a presença de Exu entre os dois irmãos negros. Paulo sugeriu que os dois irmãos podiam conciliar valores brancos e negros, deixando de lado o isolamento em uma delas somente. Mais tolerante, Carlos se aproximou dos valores que João assumira e João descobriu a “reciprocidade cultural e racial”, aglutinando também valores de Carlos.

Nos contos analisados preliminarmente, as experiências de assimilação, nacionalismo e catalismo dos personagens negros vincularam-nos aos interesses da Lei 10.639/03. A lei determina a inclusão de conteúdo de História de África e Cultura Afro-Brasileira na disciplina *Literatura Afrodescendente*. O ensino desta modalidade de literatura, nos moldes contemplados pelo programa de Mestrado em *Práticas Transculturais*, responde a essa demanda legal, em suas especificidades no nível *Stricto Sensu*.

REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, A. *Une Tempête*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

DAMASCENO, B. G. *La Sombra del látigo: Poesia Negra em Brasil*. Madrid: Kokoro Libros, 2004.

DU BOIS, W. E. B. *As Almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro: Lacerda E., 1999.

DU BOIS, W. E. B. *Dialogue with a White Friend*. In: ROEDIGER, DAVID R. (Ed.). *Black on White: Black Writers on What it Means to be White*. New York: Schocken Books, 1998, p. 29-37.

DU BOIS, W. E. B. *The Conservation of Races*. In: DU BOIS, W. E. B. *Writings*. New York: The library of America, 1986, p. 815-826.

FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FERREIRA, R. P. *Afrodescendente: Identidade em Construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GATES, H. L. jr. *The Signifying Monkey: A Theory of African American Literary Criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

GLISSANT, É. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HUGHES, L. What the Negro Wants. In: WATKINS, Silvestre (Ed.) *Anthology of American Negro Literature*. New York: Random House, Inc., 1944, p. 262-2734.

MARTINS, J. E. Negritice: Repetição e Revisão. In: *O Olho da Cor: Uma Peça em Três Atos*. Blumenau: Edição do Autor, 2003, p. 13-18.

MEMMI, A. Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MORRISON, T. A Canção de Solomon. São Paulo. Editora Best Seller, 1994.

PESSANHA, M. Maria. J. O Negro na confluência da educação e da literatura. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). *Relações Raciais e Educação: novos modelos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 145-172.

RETAMAR, R. F. Caliban e Outros Ensaio. São Paulo: Busca Vida, 1988.

ROBINS, K. Tradition and Translation: National Culture in its Global Context. In: CORNER, J. & HARVEY, S. (eds.). *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. New York: Routledge, 1991, p. 21-44.

RODÓ, J. E. Ariel. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

SHAKESPEARE, W. A Tempestade. Rio de Janeiro: 1999.

STEINER, T. Translated People, Translated Texts: Language and Migration in Contemporary African Literature. Manchester, St. Jerome Publishing, 2009.

WEST, C. The Dilemma of the Black Intellectual. In: WEST, CORNEL. *Keeping Faith: Philosophy and Race in America*. London: Routledge, 1993: p. 67-85.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afrodescendente 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 91, 92, 95

Análise de discurso 21, 25, 112

Anúncios publicitários 58, 59, 61, 62, 66, 67, 152

B

Bakhtin 14, 19, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

C

Canto coral 167, 168, 169, 171, 172, 182, 183, 184

Concordância nominal 14, 142, 143, 151, 153

Contra-hegemonia 167, 168, 169, 171, 182

Cultura brasileira 1, 113, 122

Currículo 16, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 156, 159, 165, 173, 174, 177

D

Deficiência visual 195, 206

Dialogismo 164, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193

Discurso ideológico 21

Discursos da informação 69

E

Educação 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 42, 56, 65, 82, 91, 96, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 211, 217, 222, 225, 227

Educação musical 167, 169, 170, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

EJA 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166

Ensino-aprendizagem 42, 117, 124, 164, 200, 201, 202, 204, 209, 225

Ensino médio 42, 43, 48, 49, 50, 56, 57, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 121, 123, 124, 184

Epistemologia 14

F

Fake news 69, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

Formação de professores 1, 13, 165, 227

G

Gêneros discursivos 116, 117, 118, 155, 156, 160, 161, 164, 186, 195, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

Gramática normativa 58, 59, 67

H

Heterogeneidade 12, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 53, 55, 60, 67, 168, 207

I

Identidade 16, 22, 23, 24, 26, 30, 77, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 95, 116, 133, 135, 138, 140, 160, 161, 164, 188

Inteligências múltiplas 97, 98, 99, 100, 103, 110, 111

Interação verbal 1

Interacionismo sociodiscursivo 185, 187, 190, 192, 193

L

Letramento digital 125, 127, 129, 133

Letramento escolar 195, 199, 202, 208

Língua espanhola 42, 43, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 227

Linguagem 14, 17, 18, 26, 27, 46, 48, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 68, 79, 87, 98, 99, 100, 101, 105, 108, 111, 112, 116, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 142, 145, 147, 150, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 201, 202, 207, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Linguagem da publicidade 142

Linguagens 14, 18, 56, 91, 116, 118, 119, 120, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 174, 181

Língua-inglesa 155

Livro didático 12, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 117, 120, 122, 166

M

Memória 6, 17, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 99, 135, 217, 223

Memória oral 21, 24, 25

Multimodalidade 97, 100, 102, 109, 110, 112, 130

N

Negrice 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 93

Negritude 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

P

Poesia indígena 21, 24, 26, 28, 30

Pós-verdade 69, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80

Prática social 125, 126, 127, 129, 132, 196, 207, 218, 221

Procedimentos em rede 167, 176, 177, 179

Produção oral 1, 2, 45, 50, 52

Professores 1, 2, 3, 6, 9, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 45, 47, 49, 50, 92, 98, 105, 113, 115, 117, 120, 121, 122, 124, 126, 128, 130, 131, 133, 160, 165, 173, 174, 175, 178, 195, 200, 201, 205, 208, 211, 217, 218, 219, 223, 224, 225, 227

Pronúncia 7, 8, 11, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63

S

Semântica 15, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 83, 181

Sudeste do Pará 135

T

Texto 11, 14, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 48, 51, 52, 57, 65, 66, 69, 71, 72, 75, 83, 85, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 163, 164, 171, 191, 199, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 212, 219, 220

Toponímia 135, 136, 138, 140

Transculturalidade 81

V

Varição e mudança no PB 142

Varição linguística 58, 67, 120, 143

VARISUL 142, 143, 144, 152, 153


Vocabulário 8, 32, 33, 37, 38, 40, 55, 224


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 


[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022